

A pietas de Enéias

Geisa Moreira Regazzi Gerk*
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: O presente trabalho visa evidenciar alguns significados do vocábulo pietas, pequeno em estrutura, porém extenso em significação.

Considerações Gerais

O presente trabalho tem por objetivo trazer à luz alguns dos muitos significados da *pietas* para os romanos e comentar a presença deste vocábulo na maior e mais bela obra épica romana: a *Eneida*.

Para penetrarmos neste maravilhoso mundo de espetaculares viagens e de esplendor patriótico faz-se necessário uma certa informação sobre o autor desta obra.

Notamos que desde o nascimento, Virgílio fora um ser humano singular. Conta-se que ele teria nascido numa cova, e neste local, teria crescido uma árvore. Há também informações lendárias ou não de que, quando sua mãe Magia o dera à luz, um pé de louro plantado no local crescera tão rapidamente que logo alcançou os outros loureiros já adultos. Notemos que o loureiro é a árvore sagrada de Apolo, deus da poesia. Virgílio cresceu entre bosques e arbustos e isto talvez se reflita em sua grande sensibilidade para captar o interior das coisas e dos seres, além da sensação amorosa que desprende em muitas de suas descrições, como as de Dido e Turno, que envolve a tudo e a todos numa aura radiante. Durante sua permanência em Roma, Virgílio teria aproveitado para estabelecer relações de amizade ou conhecimento com figuras importantes da política e das letras - Augusto é um bom exemplo. Por acaso teria o poeta a intenção de se consagrar à filosofia após dar a *última* versão à *Eneida*? Vítima de insolação devido ao forte calor de Mégara, regressou a Atenas, onde encontrou Augusto, que percorria as províncias orientais do império. O imperador Augusto convenceu-o a acompanhá-lo de volta à Itália. Infelizmente, os deuses e os ventos não atenderam às preces de Virgílio e alguns dias após o desembarque em Brindísio, morreu no XI dia das Calendas de outubro (22 de setembro) do ano 19 a.C.

* Trabalho apresentado na disciplina de Literatura Latina III, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Considerações sobre os valores da *pietas* na *Eneida*

A *Eneida* é uma epopéia nacional, que celebra as origens e o desenvolvimento do Império Romano. Aí são apontados os grandes valores que norteiam a vida do povo romano, com suas crenças, práticas religiosas, triunfos heróicos e históricos e ideais.

Segundo especialistas¹, o romano ideal teria de possuir três características: *virtus*: virtude que seria um conjunto de qualidades morais; *fides*: fidelidade ou respeito e a *pietas*: que seria um conjunto de regras de comportamento, de obediência e respeito. A *pietas* é a mais relevante das três características por representar uma síntese das demais.

Encontramos estas três características em um homem aparentemente comum, de nome Enéias.

A *pietas* define-se habitualmente como um sentimento de devoção para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza, sejam eles pais, filhos, parentes. Ou melhor, liga entre si os membros da comunidade familiar, unidos sob a proteção da *patria potestas* e projetada pelo culto dos antepassados. Encontra-se formada no sentimento religioso dos romanos, que se sentiam protegidos pelos deuses Manes, Lares e Penates.

O romano acreditava que todos tinham seu *genius* tutelar; e que a matrona era protegida por Juno.

O conceito de *pietas* se ampliava à divindade, de onde provinha o sentido cristão de *piedade* como prática de veneração do divino e de compaixão à divindade, que pode ser exemplificada com esta prece de Enéias a Júpiter:

Júpiter todo-poderoso, se tu não odeias ainda os troianos até o último, se a tua antiga piedade lança ainda um olhar sobre as misérias humanas, concede à nossa frota escapar agora às chamas, ó pai, e salva da destruição o pobre recurso dos Teucros! (Eneida V)

É interessante notar que o elemento religioso se manifesta na crença do poeta numa fatalidade (*fatum*) a que até os próprios deuses estão submetidos, e é isto que leva Roma às suas glórias, e também ao ônus de um grandioso destino, ou seja, a todas as agruras e vicissitudes, guerras e ódios que deve sofrer o povo romano para conseguir chegar ao seu esplendor de grande Império e maior potência, militar e territorial, no século I a.C.

No decorrer do poema, tomamos consciência de que a *pietas* é a qualidade essencial de Enéias, evidenciada pelo seu respeito e obediência aos deuses em todas as suas decisões. A obediência é marcante a ponto de, no livro V, Enéias, mesmo estando apaixonado por Dido, a ponto de deixá-la para cumprir seu destino. É o *fatum*, indicado naquele momento pelo Deus Júpiter. Observemos isso mais claramente no trecho a seguir:

...logo o deus vai ter com ele e lhe diz: És tu, agora.... Entretanto a esse aspecto, Enéias fora de si, permanece mudo; eriçavam-se-lhe os cabelos de horror a voz prendeu-se-lhe na garganta.... mas ele segundo instruções de Júpiter permanecia com os olhos imóveis e comprimia com esforço a perturbação do seu coração. (...) se os destinos me deixassem conduzir minha vida segundo meus auspícios, e regular meus cuidados conforme minha livre vontade, ocupar-me-ei antes de tudo... Mas agora é na grande Itália que os oráculos da Líria me ordenavam que me estabelecesse: eis aí meu amor, eis aí minha pátria. (Eneida IV)

A passagem acima evidencia que a vontade divina sempre prevalece sobre a vontade dos homens. Para os romanos, tais atos representavam manifestações da *pietas*, ou seja, a aceitação

¹ PEREIRA, 1984; p.256

sem reservas do que estava escrito. Esta aceitação nos leva a observar que Enéias deve ser o protótipo de romano ideal.

À medida que se desenrola o poema, começamos a notar que o conceito *pietas* vai muito além da relação com a divindade. Ele abrangeria o respeito à família e ao Estado Romano, ou seja o tripé formador da estrutura social romana. Com base nesta assertiva, observamos que o espírito com que a elaboração da epopéia está relacionada, como acreditam seus comentadores, é o de um pedido do imperador Otávio Augusto para que se divulgasse seus ideais políticos. E nada melhor do que se utilizar de grandes feitos, ainda que fictícios, para se mostrar a ascendência divina de um imperador. Não seria esta uma prova, não da *pietas* de Enéias, mas da *pietas* do autor, Virgílio? O poeta poderia levar o leitor moderno a compreender suas razões de queimar a obra. Sua intenção seria esconder uma desobediência a regras predeterminadas. Isto seria uma visão? Existem controvérsias, pois por outro lado não podemos esquecer que este é um poema feito por encomenda, e a rejeição à realização de um tal serviço poderia levar o autor ao degredo ou à própria morte.

Encontramos uma outra prova evidente da *pietas* de Enéias, em relação aos valores familiares no Livro II, com a devoção filial em salvar o pai, levando-o nos ombros:

Havia dito, e já ao longo das muralhas ouvia-se mais nitidamente o crepitar do fogo e o incêndio rola turbilhões perto de nós. Adiante, pois! Vamos caro pai, sobe para as nossas costas: eu te levarei nas minhas espáduas, e esse fardo não será pesado. Ocorra o que ocorrer, haverá para nós dois um só e comum perigo, uma só salvação; que o pequeno Iulo me acompanhe e que minha esposa siga meus passos de longe.... (Eneida II)

Verificamos que o qualitativo *pius* distingue o herói; o predomínio e a referência constante dessa qualidade explica os traços dominantes do seu modo de atuar. Isto nos remete a algumas passagens, mais especificamente, quando Diomedes declara-o um guerreiro tão valoroso como Heitor, e ainda mais superior pela *pietas*:

Durante todo o tempo que durou a guerra diante das muralhas de Tróia, foi o braço de Heitor e o de Enéias que detiveram a vitória dos gregos e que a protelaram até o décimo ano. Ambos eram ilustres pela coragem e pelas brilhantes façanhas, mas Enéias o sobrepujava em piedade. Conclui, pois uma aliança com ele, enquanto ainda vos é possível, mas guardai-vos de medir vossas armas com as dele! Ouviste ao mesmo tempo, ó melhor dos reis, a resposta do rei e a sua opinião sobre esta grande guerra. (Eneida XI)

É bom lembrar que para os romanos a *pietas* é mais importante que a *fortitudo*, daí talvez seja difícil decifrar as atitudes e feitos dos personagens da *Eneida*, uma vez que estes personagens *pensam* ao contrário de Heitor, por exemplo, personagem homérico que age por instinto.

Com base numa leitura atenta não só do poema e também de estudiosos renomados, chegamos à conclusão de que realmente é a *pietas* que o leva a descer aos Infernos, no livro VI, como reconhece seu pai Anquises, com alegria:

Enfim, viste, e tua piedade, há tanto esperada pelo teu pai, triunfou da dura viagem! É-me dado contemplar teu rosto, ó filho, ouvir e fazer ouvir estas palavras familiares!... Quanto temi que os reinos da Líbia te fôssem nocivos! (Eneida VI)

Ainda no livro VI, temos uma passagem que poderia servir para demonstrar a devoção de Enéias aos deuses e o respeito à Sibila, que o aconselha a levar o ramo de ouro para ofertá-lo a alguém também venerável, Caronte. O barqueiro é assim distinguido não só pela idade avançada como pelo trabalho que desempenha a favor dos deuses junto às almas em danação. O ramo, na

verdade, seria um pagamento/recompensa para Caronte e um instrumento, ou meio, de crença para Enéias alcançar o que deseja - ver seu pai: *Se em nada te comove a vista de tamanha dedicação, reconhece ao menos (e revela o ramo oculto na veste) o ramo que aqui está.* (Eneida VI)

Podemos notar esta nuance da *pietas* em personagens secundários que são citados no poema, como Lauso e o filho de Mezêncio, a quem Enéias não pode deixar de admirar pela sua devoção filial, no livro X, como se comprova na seguinte passagem:

O jovem Lauso saiu pela frente e interpôs-se às armas e aparou o golpe de Enéias que se erguia já com a destra e retardou Enéias, no meio do grande clamor de seus companheiros, até que, protegido pelo escudo do filho, o pai se retirou... assim, Enéias, atacado de flechas... repreende Lauso, ameaçava a Lauso: tua piedade filial ilude-te e cega-te... Enéias mesmo chama os companheiros de Lauso... e ergue do solo o jovem guerreiro cujo sangue manchava os cabelos penteados à moda dos Etruscos. (Eneida X)

Além da *pietas*, convém ressaltar a *virtus* do herói, característica aliada à sua sabedoria inata. A *pietas* é nomeada sempre em primeiro lugar, e tal sentimento o faz superior a Heitor. Enéias, *sapiens* e *pious*, não deseja a guerra que o próprio poeta julga como terrível, como exemplifica o seguinte trecho:

Turno mata também ao jovem Meneta, da Arcádia, o qual em vão detestava as guerras, exercia ele seu ofício nas águas ricas em peixes da Lerna, era de uma família pobre, não conhecia os palácios dos grandes e seu pai semeava em terras nômades de aluguel. (Eneida XI)

O fato de ser um instrumento nas mãos do destino força Enéias a desempenhar um papel nem sempre simpático ao olhar do leitor moderno: ordens superiores mandam-no fugir de Tróia, enquanto seus irmãos e amigos sucumbem na luta; mais tarde, o *fatum* o obriga a escapar às pressas de Cartago, e abandonar a *infelix* Dido, cuja hospitalidade foi paga com traição. Entretanto, para os romanos de então, que acreditavam descender de Enéias, tais fatos também representavam manifestações da *pietas*. Enéias mata Turno por ser leal à memória do amigo Palante, e não por um sentimento de vingança.

Aliás, pode-se muito bem estabelecer uma associação entre a morte de Turno e os sacrifícios humanos presentes na epopéia – Cf. o auto-sacrifício de Dido: *Mas, fremente... lança-se para o interior do palácio, sobe, furiosa, os degraus da alta fogueira e desembainha a espada dardânia... vêem a espada espumando com sangue e as mãos desfalecentes.* (Eneida V); sacrifício de Palinuro: *...um só pagará a salvação de muitos...* (Eneida V); sacrifício das oito vítimas capturadas por Enéias nas batalhas contra Turno: *Prende vivos quatro guerreiros filhos de Sulfão e outros tantos que Ufante educa a fim de sacrificar as Manes* (Eneida X) - tal fato talvez possa parecer surpreendente no momento em que se sabe que à época de Augusto essas práticas seriam condenadas.

No livro XII, quando Enéias mata Turno por lealdade a seu amigo Palante, há uma destacada manifestação da *pietas*. Turno é morto por trajar o cinturão e o boldrié de Palante.

A lealdade entre os amigos representa um valor incomensurável. Elucidemos isto com a seguinte passagem:

O impetuoso Enéias deteve-se, imóvel sob suas armas, volvendo os olhos, e reteve sua destra já hesitava mais e mais e as palavras de Turno começavam a dobrá-lo quando no alto do ombro de Turno apareceu o boldrié funesto e brilhou o cinturão com as bulas bem conhecidas do jovem Palante, que Turno prostrara com golpe mortal e cujas insígnias ele trazia nos ombros. Enéias que lhe reavivaram uma dor cruel, inflamou-se de furor e de terrível cólera... para as sombras. (Eneida XII)

A morte de Turno não poderia também estar relacionada à sua audácia ao se rebelar contra os desígnios divinos? Talvez a denominação de *audax* Turno possa ser um argumento favorável a esta opinião.

Outro trecho encontrado para a exemplificação de *pietas* é a forma com que Enéias, mesmo sendo o herói, fundador espelho *do* e *para* o povo romano, trata seus companheiros ou *socii* de viagem: *Ó companheiros, não esquecemos nossos antigos males e vós os sofrestes maiores: um deus também a estes dará fim.* (Eneida I)

Finalmente é curioso notar que no *Poema da Pietas* (seria este um bom epíteto?), que é a *Eneida*, o termo estudado não afirma a glória social e talvez não signifique mais do que cumprimento do dever para com os deuses, a pátria e a família.

Conclusão

O presente trabalho procurou esclarecer um pouco mais do belo embora complexo sentimento romano, presente na *Eneida*.

Hoje lê-se a *Eneida* como um testemunho ideal da vontade e da energia do homem romano, assim como um diário de viagem ao maravilhoso, nos tempos em que a lenda e a história, deuses e homens, andavam juntos.

Por fim, embora vivendo uma época em que as línguas clássicas sofrem um injusto desprestígio, fazemos eco à carta de três séculos atrás em que Voltaire responde em 1754, à Sr.^a Duffand, uma de suas correspondentes, definindo a importância do latim e sua obra:

A Sr.^a sabe latim? Não. É por isso que me pergunta se prefiro Pope a Virgílio. Ah, Madame, todas as nossas línguas modernas são secas, pobres e sem harmonia em comparação com as que falavam os gregos e os romanos, nossos primeiros mestres. Não passamos de uns violinistas de aldeia. Como que a Sr.^a aliás, quer que eu compare epístolas a um poema épico, aos amores de Dido, ao incêndio de Tróia. A descida de Enéias aos infernos. Considero o ensaio sobre o Homem, de Pope, como primeiro dos poemas didáticos, dos poemas filosóficos: mas não ponhamos nada ao lado de Virgílio. A Sr.^a conhece por meio da tradução: mas os poetas não se traduzem. Pode-se traduzir a música? Tenho pena da Sr.^a por não poder, com todo o seu gosto a sua sensibilidade esclarecida, ler Virgílio.

Referências Bibliográficas

- DUBY, Georges (1989). *A civilização latina*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- FARIA, Ruth Junqueira de Faria (1999). *Vida de Virgílio*, IN: Maria da Glória Novak et alii. *Historiadores Latinos*. SP, Martins Fontes, pp. 343 a 349.
- GAILLARD, Jacques (1992). *Introdução à literatura latina das origens a Apuleio*. Lisboa, Editorial Inquérito.
- GIORDANNI, Mario Curtis (1998). *História de Roma*. Vol. II, 13^a Ed. Petrópolis, Vozes.
- MENDES, João Pedro (1985). IN: Vida e obra de Virgílio, *Construção e arte das Bucólicas de Virgílio*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília.
- MENDES, João Pedro (1999). *Vida e costume dos imperadores Romanos* IN: Maria da Glória Novak et alii. *Historiadores latinos*. SP, Martins Fontes, pp 279 a 281.
- MOTA, Arlete José (2000). *Primeiros passos*. Apostila didática para a disciplina de Literatura Latina I. Rio de Janeiro, UFRJ/Faculdade de Letras/Setor de fotocópias, (mimeo).
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1984). *Estudos de História da Cultura Clássica*. Vol II, Cultura Romana. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- VERBO, *Enciclopédia Luso Brasileiro de Cultura*. (s.d.) Lisboa/SP, Editorial Verbo.

VERGÍLIO (1999). *Eneida*. Trad. Tarsilo Orpheu Spalding. 5ª Ed. São Paulo, Editora Cultrix.

VIEIRA, Ana Thereza Basílio (2000). *A epopéia latina* IN: Instrucional do curso de latim à distância II. Rio de Janeiro, Universidade Castelo Branco / Setor de Letras. Editora da UCB.